

O LUGAR DO GURU NA VIDA ESPIRITUAL^(*)

Por Swami Paratparananda

* *Editorial da revista The Vedanta Kesari – Fevereiro de 1965; Vol. 51; pág. 487*

UMA INTERESSANTE pergunta colocada por pensadores, que de algum modo tem um vago conhecimento de que a divindade é a verdadeira natureza dos seres humanos é: 'Se nós todos somos fagulhas do mesmo divino Espírito, que necessidade existe de um homem ajudar outro a realizá-la?' É uma colocação sincera e inteligente. Podemos sentir que aquele que questiona é sincero. Talvez um pouco de tudo tenha perturbado tal mente — e existem tantas novas filosofias surgindo, o suficiente para confundir qualquer homem comum.

Qual é a resposta para tal questionamento? Vamos colocar em prova aquele que questiona. Como ele sabe que é uma fagulha da divindade? Ele sabe por sua própria experiência ou de livros, literatura ou de outras pessoas? Bem, se ele conheceu isto de outras pessoas ou livros, ele foi derrotado por sua própria pergunta. Pois se ele pode acreditar em certas coisas ditas em algum lugar e por algumas pessoas que o impede de acreditar na necessidade de confiar na eficácia e na utilidade de um guia espiritual, uma pessoa, talvez, mais regular em suas orações e meditações, sincera até o âmago em sua vida espiritual e de caráter puro e imaculado? Isto, é claro, o questionador não pode responder exceto concordando que sua premissa estava errada. Ainda assim ele pode sentir que sua pergunta permanece sem resposta. Portanto vamos nos voltar para o lado prático da questão. Vamos tomar o exemplo de um filho ocupado com seu jogo. O jogo o absorveu e ele esquece seus estudos. Não é necessário que a mãe o lembre de seus estudos? No mundo espiritual nós somos todos crianças até que tenhamos atingido os mais altos estágios da realização. Precisamos de um guia, o Guru, para lembrar-nos, mais ainda, ajudar-nos realmente a vencer os obstáculos em nosso caminho.

Por que nós não podemos fazê-lo por nossos próprios esforços? Talvez isto seja possível em casos muito raros onde o anelo por Deus é intenso, onde a renúncia é como um fogo flamejante, mas para os aspirantes comuns um guia espiritual é essencial. É verdade que nossa natureza é divina, que somos filhos da Imortalidade. Mas somos conscientes deste fato? Quantos dias em um ano somos conscientes disto, quantos minutos em um dia? Temos que confessar que muito raramente somos conscientes disto. A idéia das práticas espirituais é a de tornar-nos conscientes desta divindade mais e mais. Agora, os caminhos espirituais são numerosos, qual deveria um determinado aspirante escolher? Todas estas questões intrincadas são resolvidas por um verdadeiro mestre por

sua percepção profunda da vida do discípulo. De outra forma os aspirantes serão tentados a seguir quaisquer caminhos que se apresentem a eles como atrativos, como fáceis. Será como cavar em busca de água em determinado local agora e em seguida em outro, mas não suficientemente fundo para atingir o veio da água. É preciso ser perseverante e persistente se desejar qualquer resultado na vida espiritual. Apenas flutuar nas águas não nos levará às gemas que repousam no leito do oceano. Deve-se mergulhar fundo, diz Sri Ramakrishna.

O *Kathopanishad* adverte os futuros aspirantes à vida espiritual de forma rígida: 'Não é para muitos nem mesmo escutar sobre isto. E mesmo entre aqueles que escutam sobre Ele, muitos não compreendem. Maravilhoso é o mestre e afortunado o que obtém este ensinamento. Ainda mais maravilhoso é aquele que O compreende quando ensinado por um sábio.¹ Muitas vidas têm sucumbido nos mares desta existência. Um sábio piloto é necessário. Se mesmo depois de repetidas instruções nós não somos capazes de compreender o Supremo Espírito, então como podemos por nossos próprios esforços atingi-lo!

Tomando como certo que algum dia a fagulha em nós se acenderá se as condições se tornarem propícias, como nós podemos saber que outras circunstâncias permitirão a ela brilhar? Se, por exemplo, uma grande carga de lenha molhada é jogada sobre brasas, estas serão capazes de consumir a lenha? Nunca. O fogo diminuirá e se apagará em breve. Mas supondo que se conheça como acender o fogo com esta fagulha, irá manuseá-la com sabedoria e o fará crescer e brilhar mais adicionando folhas secas, não seria este mesmo fogo capaz de queimar até mesmo uma floresta? A condição do homem é quase idêntica. Uma grande quantidade de tendências está abafando a divina fagulha e tornando impossível uma melhor visão daquele brilho divino. A luxúria e a cobiça são as duas principais dificuldades que oprimem sua mente tornando impossível para ele estar consciente de sua divindade.

A parábola de Sri Ramakrishna do tigre comedor de ervas descreve corretamente a condição do homem. Um tigre recém-nascido que foi deixado no meio das ovelhas, mesmo antes de ter bebido o leite de sua mãe, seguiu os modos das ovelhas — comia grama e balia quando ameaçada por um perigo. Um dia outro tigre atacou o rebanho e quando viu um tigre balindo e fugindo, ficou surpreso. Contudo ele agarrou o tigre comedor de ervas e perguntou, 'Por que você está fugindo? Você é um tigre como eu.' Mas o tigre comedor de ervas não podia acreditar nisto. Então o outro tigre o arrastou até um lago; mostrou á ele seus reflexos na água e empurrou um pouco de carne em sua boca e rugiu. O tigre comedor de ervas, assim convencido de sua natureza e tendo provado a carne, rugiu em resposta. Aqui é como o verdadeiro mestre ajuda um aspirante. Nós nos esquecemos de nossa verdadeira natureza e presos nas redes do mundo acreditamos ser ovelhas. Portanto dúvidas surgem em nossa mente mesmo quando nos dizem que somos a própria

divindade. O outro tigre é o Guru que nos torna consciente de quem somos.

Agora vamos analisar outra ilustração. Swami Vivekananda deu o exemplo sobre plantar uma semente. 'Você faz crescer uma planta?' ele perguntou. Não. A vitalidade para germinar está na própria semente. Você não pode infundir esta vitalidade nela. 'O que você pode fazer é colocá-la em um solo adequado, aguá-la e assim ajudá-la a crescer. Você apenas remove os impedimentos e obstáculos no seu caminho permitindo que ela cresça por si só'. Da mesma forma a divina fagulha no homem é para ser sentida e não simplesmente conhecida teoricamente. O trabalho do Guru é ajudar o discípulo a senti-La, realizá-La, descobrindo e removendo os impedimentos que bloqueiam seu caminho.

Nós temos apenas que verificar a maneira com a qual Sri Ramakrishna treinou seus discípulos para compreender esta relação entre o Guru e o *sínya*. Primeiro houve sua seleção dos discípulos apropriados e então seu treino deles. Ele conhecia o passado, presente e futuro daqueles que ele tomou em suas mãos para moldar como seus discípulos. Não foi apenas Sri Ramakrishna que possuía tais poderes. Jesus também os teve diante dele. Não escolheu Jesus alguns de seus discípulos entre pescadores? As Encarnações podiam com um olhar conhecer a natureza de qualquer homem que tivessem contato.

Conhecendo assim seus mais íntimos pensamentos as Encarnações podiam corrigir seus discípulos sempre que agissem errado. Jesus previu para seu rebanho apenas um dia ou dois antes da crucificação: Um entre vocês me trairá. E eles ficaram tristes, pois o Senhor não acreditava neles. Mas esta profecia não foi cumprida? Pois ele disse a Pedro, 'Você me negará três vezes antes do galo cantar' e não foi isto cumprido? E Pedro não negou firmemente que tal coisa fosse possível para ele? E ainda assim como isto veio a acontecer? Isto mostra que Jesus podia ver não apenas o que iria acontecer com si mesmo, mas também que pensamentos surgiriam nas mentes daqueles próximos a ele. Isto prova que as Encarnações de Deus têm o poder de conhecer tudo que querem saber. Nada fica escondido ao seu olhar. Por isso eles têm o mais alto lugar como Gurus, como mestres de humanidade, em todas as épocas.

O ministério espiritual de Sri Ramakrishna foi um fenômeno maravilhoso. É como uma paisagem de tonalidades em constante mudança, sempre atrativas e nunca cansativas, o jogo espectral de cores, contudo apontando para a mesma meta, que é Deus. Algumas vezes ele costumava fazer seus jovens discípulos rolares no solo de tanto rir por seu humor; em outros momentos ele cantava canções para eles sobre o divino e os transportava a uma região exaltada. Em outros momentos haviam discussões sobre as filosofias de diferentes seitas em diferentes épocas. E então ele os exortava a uma vida austera e de meditação. Uma vez quando um discípulo disse a ele que tentava meditar, mas sua meditação não era muito profunda e nem sem perturbações, Sri Ramakrishna escreveu algo sobre a língua do discípulo e o mandou para o

retirado Panchavati em Dakshineswar. O discípulo, mesmo enquanto ia para o citado lugar foi perdendo sua consciência externa e a perdeu totalmente tão logo chegou ao lugar e se sentou sob aquela árvore. Ele voltou a si, para usar uma expressão mundana, somente quando Sri Ramakrishna massageou seu corpo, do peito para baixo. Numerosos são os exemplos na vida do Mestre e seus discípulos em que ele acentuou o potencial espiritual de seus discípulos.

Uma pergunta pode ser feita: Por que você diz que existe a divindade em todos os seres humanos, se deve ser atingida por duros esforços e a ajuda de um mestre? Pela simples e óbvia razão de que um objeto não pode mudar sua natureza e permanecer o mesmo. Nós nunca escutamos falar de fogo gelado e gelo quente, exceto como uma forma de expressão. Se o fogo não fosse quente, de que serviria? Um objeto pode manifestar apenas o que é inerente nele. Se um homem não fosse divino ele jamais poderia se tornar assim. Mas a nossa experiência é totalmente oposta. Nós vemos personagens divinos manifestando-se e seres humanos se tornarem divinos. Assim a proposição de que o homem não é divino mais atinge a divindade não é também verdadeira. O que acontece pelos esforços é que eles descobrem a si mesmos, se descartam das incrustações que os envolvem uma por uma. Portanto a única solução aceitável e racional é que o homem é divino, chame-o de fagulha da divindade ou um filho de Deus ou do que você quiser.

Agora veremos a assistência que o Guru realmente presta ao discípulo. A vida espiritual tem alguns assuntos que devem ser considerados como reais, assuntos que você não pode desvendar pelo raciocínio. Mas não é fato que a vida religiosa é desprovida de todo raciocínio. É dada grande importância para a razão na religião e filosofia Hindu. Você é livre para questionar e inquirir, mas quando se torna um caso de mera argumentação, aí os sábios antigos colocam um limite.

A razão seria cega quando não existir comparações a fazer. O raciocínio é possível e benéfico enquanto se referir ao mundo fenomenal. Se você tem que inferir, você deve tecer um paralelo e o que existe que possa se comparar com a vida transcendental? Se o transcendental pode ser reduzido ao fenomenal, ele não mais permaneceria transcendental; em outras palavras o transcendental jamais poderia se tornar fenomenal. As leis do mundo fenomenal jamais poderão, portanto, ser aplicadas ao transcendental. O Atman, por exemplo, não pode ser visto pelos olhos, nem mesmo o mais poderoso microscópio pode revelá-lo. Mas ele é o ser mais recôndito do homem. Quando o homem morre algo se retira dele. Ele não pode ser impedido, pois ele não é visível. Mas que algo, que estava movendo o corpo e o fazia vivo mesmo antes do momento da morte, estava no corpo não pode ser negado. A vida espiritual lida com aquele ser, o Atman. Portanto, da mesma forma que você busca aprender música de um músico e não de um professor de lógica, temos que aprender a ciência da alma somente de um mestre espiritual. Ele conhece ou descobrirá quais as nossas atitudes e inclinações e nos guiará de modo

adequado.

Os seres humanos não são todos iguais; eles têm diferentes gostos e várias naturezas. Talvez todos concordamos com esta declaração. Agora, o que é melhor — deixar o homem crescer em seu próprio modo natural, que é fácil para ele ou forçá-lo a seguir um padrão de disciplina rígido, fixo e intolerante, que certamente lhe causará dano e destruirá sua natureza? Os sábios Hindus pensaram ser melhor deixar o homem crescer em seu próprio modo rumo a Deus; eles não tentaram modificar sua natureza inerente.

Por isso existem tantos caminhos para se aproximar de Deus descritos nas escrituras Hindus. Assim também sobre a forma ou ausência de forma de Deus que o aspirante gosta de adorar. Uma forma particular de Deus apela mais para um homem e assim ele é capaz de concentrar seus pensamentos em Deus mais facilmente, mesmo que haja outras formas que, apesar de ser do mesmo Divino Espírito, não provocam o mesmo nele. É o Guru que descobre qual forma da Divindade é mais adequada para cada discípulo, seleciona um mantra ou uma fórmula sagrada pela qual ele pode invocá-Lo e o instrui como deve prosseguir em seu caminho. Tudo isto o Guru faz sem qualquer motivo. O único desejo do Guru é que o discípulo possa realizar a Deus, possa se libertar das redes de *Maya*, do mundo. Isto é compaixão sem motivo, amor inegoísta que impele o Guru a tomar para si a tarefa de despertar o potencial espiritual do discípulo. Assim nós vemos que alta posição o verdadeiro Guru ocupa no plano do Espírito. Ele é considerado como um pai, mãe, amigo, filósofo e guia. Como um pai o Guru nos pune quando erramos, como uma mãe amorosa nos ajuda quando hesitamos, como amigo fica conosco em nossas dificuldades e como um filósofo ele nos aconselha quando não sabemos como prosseguir.

Por tudo isto fica claro que o Guru ocupa uma posição suprema na vida do aspirante espiritual. Muitos hinos foram escritos sobre o Guru, entre os quais o *Guru-Gita* é famoso.

O Mundakopanishad dá a descrição do verdadeiro mestre: *srotriya*, bem versado nas escrituras – e *brahmanistha*, estabelecido em Brahman². Sri Sankara em seu *Vivekachudāmani* ampliando este conceito e em concordância com as passagens da *Sruti* diz que aquele que está possuído de profundo espírito investigativo e de renúncia deve se aproximar de um Guru, 'que é versado nos Vedas, imaculado, intocado pelo desejo e um conhecedor de Brahman *par excellence*, que retirou-se em Brahman, que é calmo como o fogo que consumiu seu combustível, que é um oceano de compaixão sem nenhuma razão e um amigo de todas as pessoas boas que se prosternam à ele'.³ Este é o verdadeiro mestre de quem se nos aproximarmos estaremos certos de encontrar nosso caminho e a paz duradoura.

¹ Kathopanishad 2.7.

² 1.2.12.

³ Vivekachudamani, 33. 33.